



miguilim

revista eletrônica do netlli

volume 10, número 3, set.-out. 2021

A EXPERIÊNCIA COMUNITÁRIA EM GRANDE SERTÃO: VEREDAS



THE COMMUNITY EXPERIENCE IN GRANDE SERTÃO: VEREDAS

Edinília Nascimento CRUZ
Universidade de Brasília, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | A AUTORA
RECEBIDO EM 13/05/2021 • APROVADO EM 27/01/2022
DOI: <https://doi.org/10.47295/mgren.v10i3.3466>

Resumo

Em *Grande sertão: veredas*, o narrador-protagonista, por meio de um processo de análise sobre questões existenciais perturbadoras, coloca-se em um movimento de ressignificar o passado nas lembranças fragmentadas no presente. Riobaldo, na velhice, tenta compreender o vivido, em meio a uma dúvida, uma insuficiência de sentido que se desdobra em uma busca incessante de resposta. As inquietações do ex-jagunço sustentam-se em um não saber e um lançar-se ao abismo, na experiência-limite, numa tensão constante entre pluralidade e singularidade. Neste trabalho, propõe-se analisar a experiência comunitária de Riobaldo dentro do arcabouço em que a comunidade se constitui como instância dessubstancializada, um território de estranheza, num movimento de permanente ressignificação. Como fundamentação teórica, nos apoiaremos nos referenciais de Georges Bataille, Jean-Luc Nancy, Maurice Blanchot, Giorgio Agamben e Esposito, principais bases para pensar a comunidade moderna na ordem da experiência, da dessubjetivação e do acontecimento.

Abstract

In *Grande sertão: veredas*, the narrator-protagonist, through a process of analysis on disturbing existential issues, puts himself in a movement to reframe the past in fragmented memories in the present. Riobaldo, in his old age, tries to understand what he has experienced, in the midst of a doubt, an insufficiency of meaning that unfolds in an incessant search for an answer. The ex-jagunço's concerns are based on not knowing and throwing himself into the abyss, in the limit-experience, in a constant tension between plurality and singularity. In this work, it is proposed to analyze the community experience of Riobaldo within the framework in which the community is constituted as a desubstantialized instance, a territory of strangeness, in a movement of permanent resignification. As a theoretical foundation, we will rely on the references of Georges Bataille, Jean-Luc Nancy, Maurice Blanchot, Giorgio Agamben and Esposito, the main bases for thinking the modern community in the order of experience, desubjectivation and event.

Entradas para indexação

Palavras-chave: Comunidade. *Grande sertão: veredas*. Experiência.

Keywords: Community. *Grande sertão: veredas*. Experience.

Texto integral

Riobaldo e a experiência comunitária

A experiência comunitária de Riobaldo em *Grande sertão: veredas* tem como base o processo de rememoração do passado, numa reinterpretação dos fatos vividos. O ex-jagunço, ao refazer a travessia simbólica pelo sertão, faz uma seleção de acontecimentos, num permanente exercício de reinvenção de si.

O senhor sabe?: não acerto no contar, porque estou remexendo o vivido longe alto, com pouco caroço, querendo esquentar, demear, de feito, meu coração, naquelas lembranças. (ROSA, 2019, p. 131).

Essas lembranças que atravessam a memória de Riobaldo são resultantes tanto da experiência subjetiva como da convivência dentro dos diferentes grupos sociais ao qual pertenceu. No entanto, esse exercício de rememorar não é algo que se dá de modo simples entre a experiência individual e coletiva, mas a partir da proliferação de sentido em um movimento incessante da angustiante busca da compreensão de si. Riobaldo se coloca nos limites da impossibilidade de alcançar uma totalidade das coisas e do vivido. Seu relato problematiza a experiência comunitária, a vida, dentro e fora do mundo jagunço.

Riobaldo, ao relatar sobre sua experiência, passa por um processo de subjetivação, narra para compreender o vivido, num movimento de autoconhecimento, de individualização. “Senhor saiba: eu toda a minha vida pensei por mim, forro, sou nascido diferente. Eu sou é eu mesmo. Diverjo de todo o mundo...” (ROSA, 2019, p. 18). Dessa forma, narra a sua história revelando a instabilidade da “matéria vertente” (ROSA, 2019, p. 77), impressões, desejos,

vontade, incertezas e, sobretudo, fala sobre a impossibilidade do indivíduo de controlar o destino. “A gente vive repetido, o repetido, e, escorregável, num mim minuto, já está empurrado noutra galho” (ROSA, 2019, p. 52). O narrador traz reflexões sobre a vida, demonstrando sempre o lado incerto e perturbador do destino, que foge ao seu controle.

Assim, Riobaldo se coloca em um universo paradoxal do saber muito sobre os fatos de sua vida e o reconhecimento de cada vez mais de um saber falso, de não dar conta de narrar com fidelidade: “A vida inventa! A gente principia as coisas, no não saber por que, e desde aí perde o poder de continuação – porque a vida é mutirão de todos, por todos remexida e temperada” (ROSA, 2019, p. 331). Evidentemente, o ex-jagunço, na sua desordem cronológica, não deseja apenas narrar o passado, mas filtrar aquilo que de algum modo corrobore na sua análise sobre questões existenciais. Sendo assim, faz um exercício intencional da dúvida ao transitar entre enunciação e memória. A narrativa memorialística se constrói com base em lacunas e por meio do recurso de especular, um artifício usado frequentemente pelo narrador:

Ah, mas falo falso. O senhor sente? Desmente? Eu desminto. Contar é muito, muito dificultoso. Não pelos anos que se já passaram. Mas pela astúcia que têm certas coisas passadas – de fazer balancê, de se remexerem dos lugares. O que eu falei foi exato? Foi. Mas teria sido? Agora, acho que nem não. São tantas horas de pessoas, tantas coisas em tantos tempos, tudo miúdo recruzado. (ROSA, 2019, p. 200).

Ao fazer um balanço do vivido, Riobaldo, consciente da impassividade de narrar com fidelidade a trajetória individual, se dá conta de que essa travessia não se fez sozinha, mas por meio da sua passagem por diferentes lugares e contato com muitas pessoas, convivência e pertencimento a vários grupos. O ex-jagunço, diante da dificuldade de contar, arma uma rede de acontecimentos recruzados que são cuidadosamente selecionados e trabalhados em um exercício de rememorar, e refletir.

De tudo não falo. Não tenciono relatar ao senhor minha vida em dobrados passos; servia para quê? Quero é armar o ponto dum fato, para depois lhe pedir um conselho. Por daí, então, careço de que o senhor escute bem essas passagens: da vida de Riobaldo, o jagunço.” (ROSA, 2019, p. 159).

Nesses momentos de análise, Riobaldo, na tentativa de resolução da problemática, do desejo potencial de compreender a vida, reapropria-se do passado, seleciona de maneira dúbia as lembranças, expõe ao outro, seu interlocutor, compartilha e direciona seu discurso. Conforme analisa João Adolfo Hansen:

Sujeito de uma enunciação que tenta dizer o valor e o sentido da experiência passada, Riobaldo produz imagens dos buracos e acidentes do lembrado em enunciados provisórios do que supõe ser, no presente em que fala, o significado que a imaginação lhe

sugere ter sido o significado das suas sensações. Mas o tempo corroe a unidade da experiência do passado. O que pode dizer sobre ela é a sua reverberação em imagens parciais e deformantes, pois o movimento do tempo o faz devir outro. (HANSEN, 2007, p. 46).

O encontro com o doutor funciona como um deslocamento de Riobaldo para o seu passado, consigo mesmo, com seus diferentes eus, algo semelhante à *experiência interior*¹ batailliana, um sair de si, diante das incertezas e diversidades do “eu” e do mundo. Segundo Bataille, “A experiência interior responde à necessidade em que me encontro – e comigo a existência humana – de colocar tudo em jogo (em questão), sem repouso admissível” (BATAILLE, 1992, p. 11). Ao narrar a experiência, Riobaldo tenta alcançar um sentido e ordenar a vida através do lembrar e contar. A presença do interlocutor é fundamental nessa exposição ao Outro para uma compreensão de si.

Seguindo essa hipótese, podemos considerar que Riobaldo, sendo um sujeito logocêntrico, vive o dilaceramento interior ao insistir no desejo de totalidade das coisas, na impossibilidade de fechamento de sentido. Essa personagem se coloca diante do interlocutor a partir desse jogo do revelar e ocultar, ao falar de si, mostrar ser um sujeito em crise que precisa se expor ao Outro, articular diferentes subjetividades para assim conseguir reorganizar a experiência interior.

Não devia de estar relembando isto, contando assim o sombrio das coisas. Lenga-lenga! Não devia de. O senhor é de fora, meu amigo mas meu estranho. Mas, talvez por isto mesmo. Falar com o estranho assim, que bem ouve e logo longe se vai embora, é um segundo proveito: faz do jeito que eu falasse mais mesmo comigo. Mire veja: o que é ruim, dentro da gente, a gente perverte sempre por arredar mais de si. Para isso é que o muito se fala? (ROSA, 2019, p. 35).

O discurso de Riobaldo, ao expor suas dúvidas, faz com que ele viva numa eterna tentativa de ordenar o pensamento e compreender a experiência vivida. A “experiência interior” é, para o ex-jagunço, um desnudar-se incessante de dúvidas, um eterno resignificar dos acontecimentos em meio ao paradoxo do viver sozinho e se jogar ao mundo.

Dessa forma, percebemos que o discurso de Riobaldo evidencia diferentes desdobramentos da comunidade como experiência. Nesse sentido, nossa discussão toma como base o pensamento de Jean-Luc Nancy que, fundamentado nos estudos de George Bataille, propõe pensar a comunidade como experiência, enquanto singularidades múltiplas, “experiência do fora, do fora de si” (NANCY, 2016, p. 48).

¹ Em *L'Expérience Intérieure*, Bataille formula a teoria sobre a experiência como um movimento de busca e contestação, uma transgressão, questionamento do saber instituído ocasionando um encontro com o não saber. O desejo do homem de totalidade é uma ilusão. A experiência existencial está para além da capacidade logocêntrica de explicar o vivido pela linguagem. Conforme o pensamento de Bataille, a experiência é um estar fora, um contínuo transgredir. (BATAILLE, 1992, p. 11)

Tais questões levam à problematização da experiência comunitária. Seguindo essa linha de pensamento pode-se considerar a comunidade bataillana como a experiência do estar-fora-de-si do sujeito, denominado por ele de “êxtase”, que consiste no arrebatamento íntimo do sujeito, deslocamento do Eu para fora de si (BATAILLE, 1992, p. 11). O sujeito da experiência interior expõe suas inquietações. A experiência interior dissolve identidades fixas gerando uma tensão conflitante.

A condição paradoxal do relato de Riobaldo é um movimento de voltar-se para si e também para o outro. A angústia existencial é o condutor da exteriorização na experiência interior, proporcionando-lhe um desconcerto, possibilitando compreender que a vida é um movimento incessante em busca de uma certeza perdida.

Uma questão presente na discussão do tema da experiência é a subjetividade e a intersubjetividade. Nancy, em *A comunidade inoperada* (2016), convoca a analisar a comunidade a partir do ser na sua existência singular compartilhada.

O ser *em comum* significa que os seres singulares não são, não se apresentam senão a medida em que comparam, ou são expostos, apresentados ou ofertados uns aos outros. (NANCY, 2016, p. 100, itálico do autor).

À luz da reflexão de Nancy, podemos pensar formas constitutivas da comunidade simultaneamente singular e plural, em que confronta múltiplas identidades possíveis. A comunidade inoperante, desativada, tem como eixo de sustentação a incompletude e a impossibilidade de comportar uma identidade fixa. Riobaldo, no decorrer da narrativa, aparece com várias identidades como: Riobaldo, Tatarana, Ururutu-Branco, que se multiplicam em diferentes “eus”. “... quiseram pôr apelido em mim: primeiro, *Cerzidor*, depois *Tatarana*, lagarta-de-fogo. Mas firme não pegou. Em mim, apelido quase que não pegava” (ROSA, 2019, p. 121, itálico do autor). Como se vê, há um conflito recorrente entre as várias versões de Riobaldo.

Na mesma linha de exposição de Nancy, Maurice Blanchot, em *A Comunidade Inconfessável* (2013), toma como base o pensamento de Bataille, e realiza uma análise preponderante sobre a comunidade impossível e a *comunidade negativa* a partir da problematização entre o próprio e o comum. Segundo Blanchot, a necessidade de comunidade é inerente ao ser que vive a falta e a insuficiência. Podemos dizer, baseados no pensamento desse filósofo, que o ser singular é atravessado pelo sentido de incompletude. Assim, à medida que o indivíduo faz uma imersão na vida íntima, na “experiência interior”, desmuda essa vontade de estar sozinho. Em vários trechos do romance rosiano o ex-jagunço fala da necessidade de se fechar em um mundo particular. “Sozinho sou, sendo, de sozinho careço, sempre nas estreitas horas – isso procuro” (ROSA, 2019, p. 115). Nesse sentido, a experiência singularizada desdobra-se dentro da noção da experiência comunitária que se baseia em um modelo de princípio de excesso de uma falta, de incompletude e insuficiência. Ainda de acordo com Blanchot:

A insuficiência não se conclui a partir de um modelo de suficiência. Ela não busca aquilo que poria um fim a isso, mas,

antes, o excesso de uma falta que se aprofunda à medida que ele vai se preenchendo. (BLANCHOT, 2013, p. 16).

Dessa forma, o ex-jagunço manifesta o desejo de lançar um olhar para sua interioridade e as incertezas instaladas na sua experiência individual. Isso ocorre também em sentido inverso, como no movimento de sair dessa “solidão essencial”. Assim a personagem passa a refletir sobre a vida dentro dos bandos de jagunços, no mundo social e cultural do sertão, envolvendo relações comunitárias entre diferentes grupos.

Como sugere Willi Bolle, em *Grande sertão: veredas* está presente uma forma de “socialidade rudimentar” (BOLLE, 2004, p. 297), que está ligada na forma como Riobaldo se relaciona no meio em que vive, sobretudo com relação aos processos de convivência e aos agrupamentos entre os jagunços. Tem-se, então, no romance, “uma forma de convívio rudimentar, um ajuntamento temporário, com cada qual permanecendo recluso em sua individualidade, em detrimento de articulação coletiva dos interesses” (BOLLE, 2004, p. 297).

Enquanto exerce a jagunçagem, a regra é a vida em coletividade, formando essas comunidades instáveis. Riobaldo, no seu percurso rememorativo, é assolado por muitos questionamentos e se revela um jagunço que expõe o tempo todo o conflito para se reconhecer um entre os outros jagunços:

No que vim para um grupo de companheiros, esses estavam jogando buzo, enchendo folga. Por simples que a companheirada naqueles derradeiros tempos me caceteava com um enjoo, todos eu achava muito ignorantes, grosseiros cabras. *Somente que na hora eu queria a frouxa presença deles – fulão e sicrão e beltrão e romão – pessoal ordinário.* (ROSA, 2019, p. 51, grifos nossos).

A convivência de Riobaldo dentro do grupo é tensa e ele se sente diferente dos demais jagunços. A relação de amizade é precária, apesar de ele necessitar dessa vida coletiva, pois há uma desordem entre subjetividade e alteridade.

Pode-se dizer que Riobaldo vive “o excesso de uma falta que se aprofunda” à medida que avança na narração dos fatos. É recorrente a crise do próprio e do comum. “O ser insuficiente não busca se associar a um outro ser para formar uma substância de integridade” (BLANCHOT, 2013, p. 16). Riobaldo cria uma espécie de “comunidade da falta”, busca artifícios da linguagem para narrar fatos cotidianos e principalmente sobre incertezas, sempre em sentido aberto e indeterminado. “Meu rumo mesmo era o do mais incerto. Viajei, vim, acho que eu não tinha vontade de chegar em nenhuma parte” (ROSA, 2019, p. 103).

Além dessa perspectiva da comunidade da falta, é recorrente no discurso de Riobaldo manifestação do modelo de comunidade indeterminada, em vias de constante construção. Nas palavras de Agamben, a comunidade tem uma “relação com uma totalidade vazia e indeterminada” (AGAMBEN, 2013, p. 63). O sertão rosiano representa esse sentido de espaço ilimitado que recusa fechamento e fixação de limites e de sentido oco. Riobaldo é esse ser confuso, que se insere na comunidade sertaneja e dali narra sua história, com a pretensão de revelar “os crespos do homem”, analisar “o homem dos avessos” (ROSA, 2019, p. 15).

Viver – não é? – é muito perigoso. Porque ainda não se sabe. Porque aprender-a-viver é que é o viver, mesmo. O sertão me produz, depois me enguliu, depois me cuspiu do quente da boca... O senhor crê minha narração? (ROSA, 2019, p. 418).

Esses questionamentos contribuem para o sentido aberto e a impossibilidade de uma lógica sequencial e a certeza dos fatos narrados. O narrador se interroga sobre o que é viver, sobretudo no sertão.

Riobaldo revela suas inúmeras identidades de jagunço, aluno, professor, filósofo, fazendeiro, barranqueiro, pactário. Nesses momentos de instabilidade e crise ele segue fazendo interpelações ao seu interlocutor com o propósito de compreender sobre suas próprias questões existenciais.

Aquilo, era uma gente. Ali eu estava no entremeio deles, esse negócio. Não carecia de calcular o avante de minha vida, a qual era aquela. Saísse dali, tudo virava obrigação minha trançada estreita, de cor para a morte. Homem foi feito para o sozinho? Foi. Mas eu não sabia. Saísse de lá, eu não tinha contrafim. Com tantos, com eles, gente vivendo sorte, se cumpria o grosso de uma regra, por termo havia de vir um ganho; como não havia de ter desfecho geral? (ROSA, 2019, p. 137, 138).

O narrador-personagem busca reconhecer-se na sua individualidade, mas se vê preso na conjuntura de uma coletividade constituída pelos diferentes grupos aos quais pertenceu. Está presente uma emblemática relação entre as singularidades e o comum. Há inúmeros elementos em *Grande sertão: veredas* que apontam para essa comunidade errante, ou experiência comunitária nessa complexa rede de relações em que o individual e o coletivo se tensionam. Assim, há elementos que sustentam essa noção de pertencimento e não pertencimento ao mundo do sertão e da jagunçagem. Enquanto faz a travessia frustrada do Liso do Sussuarão, Riobaldo-jagunço se desloca do coletivo ao individual e do individual ao coletivo. Planeja deixar a vida de jagunço:

“Saio daqui com vida, deserteio de jaguncismo, vou e me caso com Otácia” – eu jurei, do proposto de meus todos sofrimentos. Mas mesmo depois, naquela hora, eu não gostava mais de ninguém: só gostava de mim, de mim! Novo que eu estava no velho do inferno. Dia da gente desexistir é um certo decreto – por isso que ainda hoje o senhor aqui me vê. (ROSA, 2019, p. 44, 45).

Esse trecho refere-se ao momento seguinte à tentativa frustrada de atravessar o Liso do Sussuarão. Nesse sentido, é um estado de errância e de desnortamento. O discurso reverbera a tensão em torno dos fragmentos dos vários grupos identitários e de momentos distintos da vida de Riobaldo.

A comunidade que está em destaque em *Grande sertão: veredas* evidencia tanto o comum da comunidade como a experiência singularizada de Riobaldo. O ex-jagunço recupera sua relação num movimento de ir e vir da memória, em uma descontinuidade, em um jogo paradoxal de pluralidade e singularidade. Nessa batalha, “funda essa comunidade, eternamente provisória e sempre já desertada”

(BLANCHOT, 2013, p. 74). Nessa comunidade de compartilhamento, seus membros se expõem à exterioridade, ao aberto.

Riobaldo, ao reelaborar a experiência a partir de um jogo textual, tanto se aproxima do mundo jagunço como se afasta dele, criando uma impossibilidade de separar o seu eu jagunço do não-jagunço. Tem-se uma ambiguidade na forma como esse ex-jagunço cria uma situação de estranhamento em que busca de forma dramática se autoconhecer.

Narrei miúdo, desse dia, dessa noite, que dela nunca posso achar o esquecimento. O jagunço Riobaldo. Fui eu? *Fui e não fui. Não fui!* – porque não sou, não quero ser. Deus esteja! (ROSA, 2019, p. 159, grifos nossos).

Riobaldo tenta compreender o que significou ser jagunço, por meio de um processo de afirmação e negação, construção e desconstrução. Dessa forma, coloca em análise os mecanismos que o construiu dentro do sistema jagunço em uma relação de ambivalência, tensão e dramaticidade resultantes do conflito da relação de Riobaldo com o mundo. “Jagunço é o sertão. O senhor pergunte! quem foi que foi que foi o jagunço Riobaldo?” (ROSA, 2019, p. 225).

Nesse sentido, a comunidade é também *inconfessável*, como nomeou Maurice Blanchot:

“A comunidade inconfessável: será que isso quer dizer que ela não se confessa, ou então que ela é tal que não há confissões que a revelam, já que, cada vez que se falou de sua maneira de ser, pressente-se que não se aprendeu dela senão aquilo que a faz existir por ausência?” (BLANCHOT, 2013, p. 76).

A experiência e a interação de Riobaldo se constituem dentro de um processo de travessia errante em que o tempo todo analisa a relação do eu com o outro, do próprio com o comum. “Um outro pode ser a gente; mas a gente não pode ser um outro, nem convém...” (ROSA, 2019, p. 331).

A (im)possibilidade da comunidade dos amantes

É na figura de Diadorim que se concentra a força discursiva de Riobaldo. As lembranças dos momentos que passaram juntos surgem de forma ambígua e marcaram decisivamente as experiências intersubjetivas de Riobaldo. “Diadorim é a minha neblina...” (ROSA, 2019, p. 25). É sob esse regime do desconhecido, do nebuloso, secreto e encoberto que o narrador transforma em linguagem as experiências que viveu ao lado de Diadorim, ressignificando os acontecimentos em busca de uma compreensão melhor de si diante da lembrança e da presença perturbadora de Diadorim. Como destaca João Adolfo Hansen:

Diadorim é uma condensação enigmática dos procedimentos de indeterminação, pois funciona como uma ausência que

fundamenta e determina a duplicidade da memória de Riobaldo. (HANSEN, 2012, p. 126).

Assim, Diadorim tanto aparece ligada aos pensamentos de paz como de perturbação. Questões relacionadas à experiência comunitária, o jogo entre subjetividade e alteridade estão implicitamente presentes em *Grande sertão: veredas*, sobretudo na relação entre Riobaldo e Diadorim. No encontro com Reinaldo, o Menino do Porto, Riobaldo teve sua vida para sempre transformada. Na segunda vez em que se reencontram, agora já com o Menino-Moço, o ex-jagunço dá conta da dimensão do sentimento dele por Diadorim:

Conto. *Reinaldo* – ele se chamava. Era o Menino do Porto, já expliquei. E desde que ele apareceu, moço e igual, no portal da porta, eu não podia mais, por meu próprio querer, ir me separar da companhia dele, por lei nenhuma; podia? O que entendi em mim: direito como se, no reencontrando àquela hora aquele Menino-Moço, eu tivesse acertado de encontrar, para o todo sempre, as regências de uma alguma a minha família. (ROSA, 2019, p. 105).

A atração de Riobaldo por Diadorim é imediata, e logo formam uma amizade especial, uma comunidade singular, vivem momentos de acolhimento e reciprocidade, mas também de dúvidas e incertezas. A relação entre Diadorim e Riobaldo se particulariza dentro do bando, pois, mesmo vivendo no ambiente violento da jagunçagem, das inúmeras guerras, conseguem estabelecer cumplicidade, compartilhar momentos juntos.

Diadorim e eu, nós dois. A gente dava passeios. Com assim, a gente se diferenciava dos outros – porque jagunço não é muito de conversa continuada nem de amizades estreitas: a bem eles se misturam e desmisturam, de acaso, mas cada um é feito um por si. (ROSA, 2019, p. 28).

Diadorim/Reinaldo compõem a dupla identidade de um jagunço que exerce um poder influenciador sobre a vida e as decisões de Riobaldo. Diadorim conduz e direciona a travessia do ex-jagunço pelo sertão real e existencial. Há uma ambiguidade recorrente na convivência entre os dois jagunços. Os sentimentos de Riobaldo são perturbadores, difíceis de serem compreendidos, pois ele está o tempo todo debatendo contra seus próprios desejos e expressa de forma confusa suas angústias, além de lutar interiormente na busca do autoconhecimento:

Mais eu gostava dele, dia mais dia, mais gostava. Diga o senhor: como um feitiço? Isso. Feito coisa-feita. Era ele estar perto de mim, e nada me faltava. Era ele fechar a cara e estar tristonho, e eu perdia meu sossego. Era ele estar por longe, e eu só nele pensava. E eu mesmo não entendia então o que aquilo era? Sei que sim. Mas não. E eu mesmo entender não queria. (ROSA, 2019, p. 110).

Riobaldo tenta reconfigurar o vivido pela memória, e as lembranças surgem em meio a uma mistura de sensações e sentimentos. A relação entre Diadorim e Riobaldo atua como linha de força desenvolvendo um jogo intersubjetivo.

Blanchot discute o conceito da comunidade, assim como Nancy, pelo viés da ontologia da finitude e propõe algumas metáforas para analisar a comunidade negativa dando destaque para o amor, a morte e a palavra. Blanchot chamou de “comunidade dos amantes” ou comunidade eletiva, a exposição de um ao outro, agrupamento entre dois que surge em contraponto ao modelo de comunidade tradicional. Esse modelo comunitário está fora dos limites das normas reguladoras, das leis, com suas próprias regras. Essa comunidade constitui-se “como a exceção ou o extra-ordinário que não se enuncia em qualquer linguagem já formulada” (BLANCHOT, 2013, p. 61). Não é fundamentada na ação, mas na renúncia de fazer obra. Só existe pela negatividade de uma falta. A comunidade dos amantes leva seus membros a viverem pela paixão e pelo êxtase.

Riobaldo vive essa falta, um vazio ao rememorar a radical experiência do desejo e da impossibilidade de viver uma relação com Diadorim inaceitável dentro da lei e dos padrões do sistema jagunço. A experiência comunitária de Riobaldo na sua relação com Diadorim não ocorre dentro da concepção substancialista sustentada na essência comum. O ex-jagunço na sua travessia vive o vazio ontológico e a experiência da falta, do nada, do fora de si. Enquanto narra, Riobaldo é levado à exterioridade de si, a uma experiência limite. Nancy, ao tratar do conceito de “comunidade inoperada”, destaca que o ser e a comunidade estão ontologicamente imbricados. “*A comunidade não assume o lugar da finitude que ela expõe. Ela é ela mesma, em suma, tão somente essa exposição.* Ela é a comunidade de seres finitos e, como tal, é ela mesma a comunidade *finita*” (NANCY, 2016, p. 58, itálicos do autor). A partilha da comunidade revela seu nascimento, existência e morte. A finitude do ser singular é sua exposição: “A comunidade significa, por conseguinte, que não se dá ser singular sem um outro ser singular” (NANCY, 2016, p. 59), por meio da partilha de cada um. A comunidade se define assim como uma partilha de singularidades, pois “não há comunhão de singularidades numa totalidade superior a elas e imanente ao seu ser comum” (NANCY, 2016, p. 60). É uma comunidade sem o peso do tecido social e nela os seres se unem pela exposição ao fora, em que “a finitude comparece, ou seja, é exposta: essa é a essência da comunidade” (NANCY, 2016, p. 61).

Riobaldo e Diadorim são seres singulares que compartilham uma comunidade secreta em que cada um é “exposto ao outro e exposto à exposição do outro” (NANCY, 2016, p. 63). A comunidade é, desse modo, inoperante, em que a exposição à singularidade do outro constitui o ser-em-comum, a comunidade da paixão: “O que se comunica, o que é contagioso é o que, dessa maneira – se ‘desencadeia’, é a *paixão* da singularidade como tal” (NANCY, 2016, p. 65). Singularidade, neste sentido, é se jogar à exposição e deixar-se afetar pelo outro e, sendo assim, nesses moldes, a comunidade deixa de ser ação e se torna desencadeadora de paixão. “A singularidade é a paixão do ser” (NANCY, 2016, p. 65).

Riobaldo e Diadorim formam uma comunidade provisória, em que cada um vive a sua singularidade, mas juntos compartilham segredos, experiência inquietante, o ser-em-comum. Essa experiência comunitária se torna singular

dentro do código do sertão que condenaria um relacionamento amoroso entre dois jagunços. De todo modo, temos uma relação excepcional em que não há uma integração efetiva, supondo sempre uma abertura para o inesperado.

– “Pois então: o meu nome, verdadeiro, é *Diadorim...* Guarda este meu segredo. Sempre, quando sozinhos a gente estiver, é de Diadorim que você deve de me chamar, digo e peço, Riobaldo...” Assim eu ouvi, era tão singular. Muito fiquei repetindo em minha mente as palavras, modo de me acostumar com aquilo. E ele me deu a mão. Daquela mão, eu recebia certezas. Dos olhos. Os olhos que ele punha em mim, tão externos, quase tristes de grandeza. Deu alma em cara. Adivinhei o que nós dois queríamos – logo eu disse: – “*Diadorim... Diadorim!*” com uma força de afeição. Ele sério sorriu. E eu gostava dele, gostava, gostava. Aí tive o fervor de que ele carecesse de minha proteção, toda a vida: eu terçando, garantindo, punindo por ele. Ao mais os olhos me perturbavam; mas sendo que não me enfraqueciam. Diadorim. (ROSA, 2019, p. 117).

Há uma tensão entre Riobaldo-narrador e Riobaldo-personagem. Enquanto moço, a personagem vive a exterioridade, a guerra, a aventura, o desconhecido em meio aos conflitos de uma paixão perturbadora. Na velhice, avalia a luta que travou consigo mesmo, sua interioridade.

O nome de Diadorim, que eu tinha falado, permaneceu em mim. Me abracei com ele. Mel se sente é todo lambente – “Diadorim, meu amor...” Como era que eu podia dizer aquilo? Explico ao senhor: como se drede fosse para eu não ter vergonha maior, o pensamento dele que em mim escorreu figurava diferente, um Diadorim assim meio singular, por fantasma, apartado completo do viver comum, desmisturado de todos, de todas as outras pessoas – como quando a chuva entre-onde-os-campos. (ROSA, 2019, p. 211).

O sentimento de Riobaldo, de pertencimento ao grupo de jagunços e de se aventurar com Diadorim, conflita com a segurança que ele poderá ter com Otacília. Nessa direção, a possibilidade de se estabelecer numa comunidade, receber a herança do pai, herdar a fazenda têm um peso significativo. A vida comunitária estável com Diadorim nunca se completa. A amizade e o amor que os unem os distanciam, impossibilitando de compartilharem uma família.

Há uma cumplicidade entre eles construída de longa data. Diadorim, transvertida de homem, faz com que o dilema de Riobaldo se intensifique, levando aos limites a experiência comunitária. Ambos se recusam revelar seus segredos. Por meio da percepção do narrador-personagem, tem-se a dimensão ambígua dessa experiência limite.

Entendi aquele valor. Amizade nossa ele não queria acontecida simples, no comum, sem enalço. A amizade dele, ele me dava. E amizade dada é amor. Eu vinha pensando, feito toda alegria em brados pede: pensando por prolongar. Como toda alegria, no

mesmo do momento, abre saudade. Até aquela – alegria sem licença, nascida esbarrada. Passarinho cai de voar, mas bate suas asinhas no chão. (ROSA, 2019, p. 117).

O amor camuflado em amizade, esse sentido duplo, está presente nas diversas referências de Riobaldo. Esse potencial de sensações é força atuante que intensifica o sentido da impossível condição de viverem juntos. Dessa forma, ganham destaque o descompasso e o imponderável.

Um Diadorim só para mim. Tudo tem seus mistérios. Eu não sabia. Mas, com minha mente, eu abraçava com meu corpo aquele Diadorim – que não era de verdade. Não era? A ver que a gente não pode explicar essas coisas. (ROSA, 2019, p. 211).

Riobaldo fala de uma realidade encoberta que impõe os limites dessa relação comunitária entre ambos. Tudo isso se situa nesse universo de incerteza em que as coisas são indetermináveis.

A experiência comunitária provoca no indivíduo um “deslizamento para fora dos limites.” (BLANCHOT, 2013, p. 30). Quando Riobaldo narra sobre seu amor por Diadorim, de certo modo ele realiza uma exposição extrema de sua intimidade. A comunidade que se constitui entre Riobaldo e Diadorim aparece no limiar das singularidades que se expõem. É uma relação que tem como base “a impossibilidade da comunidade” de comunhão plena, e existe justamente em função dessa impossibilidade. (NANCY, 2016, p. 43).

A comunidade inoperante, como propõe Nancy, é composta por seres finitos no limite de sua finitude. Sendo assim, dialogando com Georges Bataille, Nancy aborda a “comunidade dos amantes” com o debate da “relação impossível” e da comunidade ilegível. “Os amantes expõem por excelência a inoperância da comunidade. A inoperância é a face comum e a intimidade. Mas eles a expõem à comunidade, que já *partilha sua intimidade*” (NANCY, 2016, p. 74). Essa comunidade é feita de interrupção, que se dá paradoxalmente pela sua fratura.

Podemos, assim, dizer que a comunidade entre Riobaldo e Diadorim é *inoperada*, pois não produz obra (filhos). A relação amorosa entre “dois jagunços” é, segundo os códigos do sertão, ilegítima, pois coloca em risco valores imprescindíveis da ética jagunça. É semelhante ao que Blanchot denominou de comunidade negativa, baseada na experiência de compartilhamento daquilo que está impossibilitado de ser compartilhado, daqueles que foram unidos pela impossibilidade. Segundo Nancy, “a verdadeira comunidade dos seres mortais, ou a morte enquanto comunidade, é a sua comunhão impossível” (NANCY, 2016, p. 43).

Segundo Blanchot, não haveria comunidade na ausência do evento da morte. A comunidade é constituída de seres mortais. A morte é o “que me põe para fora de mim e é a única separação que pode me abrir, em sua impossibilidade, ao Aberto de uma comunidade” (BLANCHOT, 2013, p. 21). Analisando a relação entre morte e comunidade, Nancy destaca:

A comunidade se revela na morte do outro: ela é também sempre revelada ao outro. A comunidade é o que se dá sempre para o outro e pelo outro. Não é o espaço de “*mim mesmo*” – sujeitos e

substâncias, no fundo imortais mas aquele dos *eus*, que são sempre do *outrem* (ou então não são nada). Se a comunidade é revelada na morte do *outrem*, é que a morte é ela mesma a verdadeira comunidade dos *eus* que não são *mim mesmo*. Não é uma comunhão que funde os *mim mesmo* num *Mim mesmo* ou num *Nós* superior. É a comunidade dos *outrem*. (NANCY, 2016. p. 43).

Ao final da batalha no Paredão, dissolve-se a comunidade, há uma dessubstancialização da comunidade: uma dessubjetivação de Riobaldo. A cena da batalha final, que culmina na morte de Diadorim, é um momento dramático. Nesse episódio, o jagunço-Riobaldo passa por um duplo processo de esvaziamento de subjetividade em um momento de extrema agonia. “Querer mil gritar, e não pude, *desmim de mim-mesmo*, me tonteava, numas ânsias.” (ROSA, 2019, p. 425, grifos nossos). Pode-se dizer que Riobaldo vive a crise do comum, “expropria, em parte ou inteiramente, sua propriedade inicial, sua propriedade mais própria, ou seja, sua subjetividade” (ESPOSITO, 2007, p. 30). A dessubjetivação arrasta Riobaldo para fora de sua identidade. De certo modo, ele vive a crise “da impossibilidade de ser ele mesmo” (BLANCHOT, 2013, p. 17), uma confrontação da sua própria identidade que problematiza a experiência comunitária. Riobaldo é arrastado para fora de si. Segundo Alexandre André Nodari, com a morte de Diadorim Riobaldo passa por um processo de:

des-existência se reforça pelo próprio uso da forma oblíqua, ‘mim’, que aponta para a objetivação do sujeito, a conversão do eu em um objeto, do sujeito em um paciente – e notemos que a dessubjetivação aparece duplamente dobrada, re-plicada. (NODARI, 2018, p. 31).

É a partir de experiências extremas, que Riobaldo potencializa seus fantasmas, se reconstituindo como sujeito em um regime paradoxal entre a subjetividade e a intersubjetividade. Nesse desdobramento de si, como aponta Nodari, o protagonista passa por essa radical experiência de dessubjetivação.

O aspecto organizador dessa comunidade errante passa por essa tensão entre dialética da criação e destruição em que seus membros passam por um processo de subjetivação e dessubjetivação. Riobaldo, dentro de um contexto discursivo fragmentado, analisa a sua condição existencial e, por consequência, as suas diferentes atividades. “Isto, sabe o senhor por que eu tinha ido lá daqueles lados? De mim, conto. Como é que se pode gostar do verdadeiro no falso? Amizade com ilusão de desilusão. *Vida muito esponjosa*” (ROSA, 2019, p. 50, grifos nossos). A subjetivação perpassa a noção de existência e comunidade oscilando entre a subjetividade social e a individual. Após a morte de Diadorim, Riobaldo passa por um processo de ressubjetivação, pois ele reconstrói a vida com Otacília:

Até que, um dia, eu estava repousando, no claro estar, em rede de algodão rendada. Alegria me espertou, um pressentimento. Quando eu olhei, vinha vindo uma moça. Otacília. Meu coração rebateu, estava dizendo que o *velho era sempre novo*. (ROSA, 2019, p. 431, grifos nossos).

Riobaldo vive com Otacília a experiência da comunidade, do “estar-junto”. Em *Grande sertão: veredas* temos o ponto de vista singular de Riobaldo que, a partir da imagem que faz de si, de um “eu”, se mistura e se alterna em um “nós”, resultando numa mistura e ambiguidade. “A subjetividade de Riobaldo, o seu “eu”, é a configuração que adquire tal agenciamento da multiplicidade, que se mantém aberta e, assim, se reagenda e reconfigura a cada nova interlocução” (NODARI, 2018, p. 37).

Esse processo de dessubjetivação permite a Riobaldo forjar novas subjetividades. A experiência individual é enredada na vida coletiva em uma rede de singularidade e pluralidade, potência e não potência:

O que eu agora queria! Ah, acho que o que era meu, mas que o desconhecido era, duvidável. *Eu queria ser mais do que eu*. Ah, eu queria, eu podia. Carecia. ‘Deus ou o demo?’ — sofri um velho pensar. Mas, como era que eu queria, de que jeito, que? (ROSA, 2019, p. 303, grifos nossos).

As formulações teóricas de pensadores como Blanchot, Nancy, Agamben e Esposito, acerca da teorização da comunidade, possibilitam uma interpretação da dimensão da experiência comunitária em *Grande sertão: veredas*, analisada pela ótica da personagem Riobaldo. Essa leitura permitiu explicitar a dimensão radical das questões relacionadas à vida comunitária.

No romance rosiano, a comunidade reúne singularidades. Riobaldo vive a experiência radical da morte de Reinaldo, uma exposição à exterioridade, uma abertura ao Outro ser singular, Diadorim. A comunidade entre esses dois jagunços é semelhante à “comunidade dos que não têm comunidade”² expressão cunhada por Georges Bataille, e a experiência limite de indivíduo em relação a si e ao outro que funda a comunidade. Isso se dá na abertura para o comum, analisada por Blanchot como comunidade negativa. A comunidade em *Grande sertão: veredas* é potencialidade revelada nos modos de ser e existir do sertão.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. *A Comunidade que vem*. Trad. de Cláudio Oliveira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

BATAILLE, Georges. *A experiência interior*. São Paulo: Ática, 1992.

BLANCHOT, Maurice. *A comunidade inconfessável*. Trad. Eclair Antônio Almeida Filho. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

BOLLE, Willi. *grandesertão.br*. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2004.

² “A comunidade dos que não têm comunidade” foi proposta por Georges Bataille como um questionamento na comunidade e da abertura para o comum, e analisada por Blanchot como comunidade negativa.

HANSEN, João Adolfo. Forma, indeterminação e funcionalidade das imagens de Guimarães Rosa. In: SECCHIN, Antonio Carlos et al. (Orgs.). *Veredas no sertão rosiano*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007. p. 29-49

HANSEN, João Adolfo. Forma literária e crítica da lógica racionalista em Guimarães Rosa. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 47, n. 2, p. 120-130, abr. /jun. 2012. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/viewFile/11308/7713> Acesso em: 14 jan. 2021.

NANCY, Jean-Luc. *A comunidade inoperada*. Trad. Soraya Guimarães Hoepfner. Rio de Janeiro: 7Letras, 2016.

NODARI, Alexandre André. A (outra) gente: multiplicidade e interlocução no Grande sertão: veredas. *O Eixo e a Roda* (UFMG), v. 27, p. 29, 2018.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 22. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

Para citar este artigo

CRUZ, Edinília Nascimento. A experiência comunitária em *Grande sertão: veredas*. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 10, n. 3, p. 1056-1070, set.-out. 2021.

A autora

Edinília Nascimento Cruz é doutora em Letras Estudos Literários – Universidade Federal de Minas Gerais. Pós-doutoranda em Estudos Literários – Universidade de Brasília.